

**Associativismo e extensionismo: proposta de ecoturismo e reprodução
de quintais produtivos na Ilha de Caratateua, Belém–PA**

Rita Denize de Oliveira

Professora Doutora, UFPA, Brasil
denize40geoatm@gmail.com

José Augusto Lopes da Silva

Professor Mestre, SEDUC-PA, Brasil
augustolopes10@yahoo.com.br

RESUMO

A Ilha de Caratateua compreende a porção insular da região metropolitana de Belém-Pará. Apesar do abandono histórico do Estado, demonstrado no baixo nível de saneamento básico, com dificuldades de abastecimento de água potável e rede de esgoto precária, pequena disponibilidade de vagas em Escolas de ensino Médio e apenas um posto de saúde para atender as pessoas da ilha, tal lugar acaba sendo um refúgio para a população excluída pelos projetos urbanísticos de reforma urbana, como a macrodrenagem das bacias hidrográficas de Belém, por exemplo, além de receber famílias que migram de cidades do interior do Pará e Ilha do Marajó. Entretanto, a ilha é referência como importante polo de Educação Ambiental, por meio da difusão de práticas sustentáveis pela Fundação Escola Bosque Professor Eidorfe Moreira, abrigando manifestações culturais populares como cordões de pássaros juninos e boi bumbá, e festas como círio de Nossa Senhora da Conceição e Festividades de Iemanjá. Outra especificidade da ilha é o forte ativismo político que se manifesta na formação de associações com diversas finalidades desde liberdade religiosa, ancestralidade, valorização de ritos e resgate de saberes, até finalidades que envolvem direitos humanos, reabilitação, reintegração ao mercado de trabalho das pessoas portadoras de deficiência, agroecologia, desenvolvimento local e segurança alimentar como propostas pela Associação Beneficente de pessoas portadoras de deficiência e mobilidade reduzida do estado do Pará, que se constitui uma proposição de enfrentamento à crise pós-pandemia em áreas insulares, temática central do artigo.

PALAVRAS-CHAVE: Associação. Pessoas com deficiência. Segurança alimentar.

1 INTRODUÇÃO

A provocação do evento científico perpassa pela reflexão: Pós-Pandemia, como será o mundo depois da crise? Empiricamente, mudança na Divisão Internacional do Trabalho, preliminarmente, percebe-se a emergência de novas potências na área da biotecnologia aplicada a produção de vacinas (GADELHA, 2003) e um novo mercado que organiza a produção de bens e serviços relacionados a medicamentos, equipamentos, materiais diversos e produtos para diagnóstico (BERTOLO, 2014).

Neste contexto, o surgimento de países que até então não estavam em tanta evidência como China e Índia, tornam-se ameaças a países consolidados como Estados Unidos e Japão. Outro aspecto a ser discutido é o impacto da pandemia nos países periféricos como o Brasil, com aumento do desemprego, período inflacionário, recessão, redução de investimentos em educação e saúde em longo prazo, como traçar um prognóstico para o Brasil e na própria Amazônia.

Araújo e Oliveira (2020), subsidiados pelas proposições de Sposito e Guimaraes (2020), destacam a necessidade de alinhamento entre a geografia da saúde, ciências médicas e saúde pública em diferentes escalas de poder, para que venhamos atingir patamares sustentáveis em meio a uma crise epidemiológica. Outro aspecto interessante dessa relação da geografia com a saúde está relacionado às categorias espaço (forma, estrutura e conexão) e tempo (duração, ciclo e ritmo), assim como, os conceitos geográficos território, lugar e região.

Na prática, de acordo com o observatório Covid-19 Brasil (2021) a mortalidade pela Covid-19 tem uma relação estreita e as diferenças entre os grupos persistem quando a análise é estratificada em dois grupos etários: menores de 60 e maiores ou igual a 60 anos. Todavia, nota-se que elas são bem mais acentuadas entre os menores de 60 anos, nos quais a mortalidade entre os pretos é duas vezes maior que entre os brancos. Assim, em uma análise preliminar as regiões Norte e Nordeste, antes da Pandemia, já apresentavam desigualdades estruturais com o centro sul, e no período subsequente essas desigualdades se tornarão maiores. Regiões como a Ilha do Marajó¹ e até mesmo a porção insular de Belém (Cotijuba, Mosqueiro, Combu e Caratateua), que são áreas com baixo Índice de Desenvolvimento Humano, o período de recuperação econômica tende a ser mais lento.

Outro aspecto, é que após a pandemia observam-se muitos sequelados pela Covid-19, o novo coronavírus (Sars-CoV-2), indica que seus efeitos deletérios no organismo humano podem ser maiores e mais duradouros do que se pensava. A síndrome pós-Covid aponta para uma lista longa e variada de sintomas remanescentes: fadiga, batimentos cardíacos acelerados, falta de ar, dores nas articulações, perda persistente do olfato e paladar, e dificuldade de concentração, e até mesmo agravamento de determinadas doenças como diabetes principal causa das amputações.

Neste artigo procurou-se analisar, por meio de relato de experiência, novas possibilidades para resiliência das áreas insulares aos impactos econômicos da pandemia, mais precisamente, a Ilha de Caratateua, Belém-Pará, ou seja, como os movimentos sociais, por meio das associações de moradores podem ser uma importante arma no enfrentamento da crise.

¹ SECRETARIA ESPECIAL DE PROTEÇÃO E DESENVOLVIMENTO SOCIAL SECRETARIA DE ESTADO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL. **Pacto Pelo Pará de Redução Da Pobreza Região De Integração Do Marajó.** 2013-2014. 141p

Além disso, indiretamente faz-se uma importante cadeia de relações entre comunidade (associações), escola pública e universidade.

Historicamente, de acordo com Silva² (2020), até o final do século XIX, as ilhas de Belém foram, exclusivamente, espaços rurais onde se realizava o extrativismo e alguma produção de subsistência, ou serviam de apoio às atividades da capital, principalmente para fins de defesa, com a instalação de fortes, por exemplo. A partir do final da década de 70, iniciou-se a construção de várias pontes que ligam as ilhas ao centro urbano de Belém, a Ponte Sebastião de Oliveira em Mosqueiro e a Ponte de Outeiro (1986) sobre o furo do Maguari, permitindo maior acessibilidade. Belém está composta por três grupos de ilhas, as que estão na frente da cidade (com destaque para as Ilhas das Onças, de Cotijuba, do Juruba e do Paquetá) as que margeiam do lado direito do estuário (com destaque para Caratateua e Mosqueiro) e as ilhas que estão ao lado do Rio Guamá (com destaque para a Ilha do Combú e Murutucu).

Quanto à área de estudo, a Ilha de Caratateua compreende a porção insular do município de Belém, capital do Estado do Pará. O termo Caratateua está relacionada a um tubérculo, cará inhame, muito encontrado no início da colonização (SANTOS, 2007; SILVA, 2010). Outro nome popular da Ilha é Outeiro, que faz referência a um dos bairros mais antigos, São João do Outeiro, trata-se de uma palavra de origem portuguesa que quer dizer pequenos morros.

Ao partir para o entendimento das especificidades da Ilha de Caratateua, Silva *et al.* (2012) propõe uma periodização da formação socioespacial que dar-se em quatro fases: (1ª) fase de apropriação pioneira da ilha ocorreu até segunda metade do século XIX; (2ª) fase de colonização agrícola, da segunda metade do século XIX ao início do século XX; (3ª) fase de abandono, do início do século XX à década de 1980; e (4ª) fase de integração à dinâmica metropolitana.

A Ilha de Caratateua representa uma complexa rede política, econômica, sociocultural e ambiental. Politicamente, cabe destacar um forte ativismo político expresso na forma de Associações e Organizações não governamentais. Economicamente, destaca-se forte influência da agroecologia e extrativismo do fruto do açaí, com circuito produtivo curto, que favorece a permanência dos recursos na ilha, além do forte apelo turístico. Socioculturalmente, destaca-se a presença de mestres de cultura, com grande expressividade por meio dos cordões pássaros junino (ópera cabocla), dos bois de danças e ritmos como o carimbó, além da forte influência do sagrado com círio de Nossa Senhora da Conceição e Festa de Iemanjá. Ambientalmente, a diversidade de ambientes naturais como terra firme, várzeas, igapós e mangues, todos colaboram com “bem-viver” em boa parte da ilha, sendo marcado ideologicamente pela atuação de uma instituição de ensino, pesquisa e extensão como a Fundação Escola Bosque Professor Eidorfe Moreira.

Neste sentido, esse relato de experiência visa demonstrar o processo de constituição da Associação Beneficente das pessoas portadoras de deficiência e mobilidade reduzida do estado do Pará, fundada em 5 de novembro de 2020, como sociedade civil de duração indeterminada e sem fins econômicos podendo, contudo, desenvolver atividades produtivas

² SILVA, L. DAS G. S. DA. **A face da museologia social nos museus e processos museais amazônicos**. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração Departamento de Museologia. Lisboa. 2020. 300p.

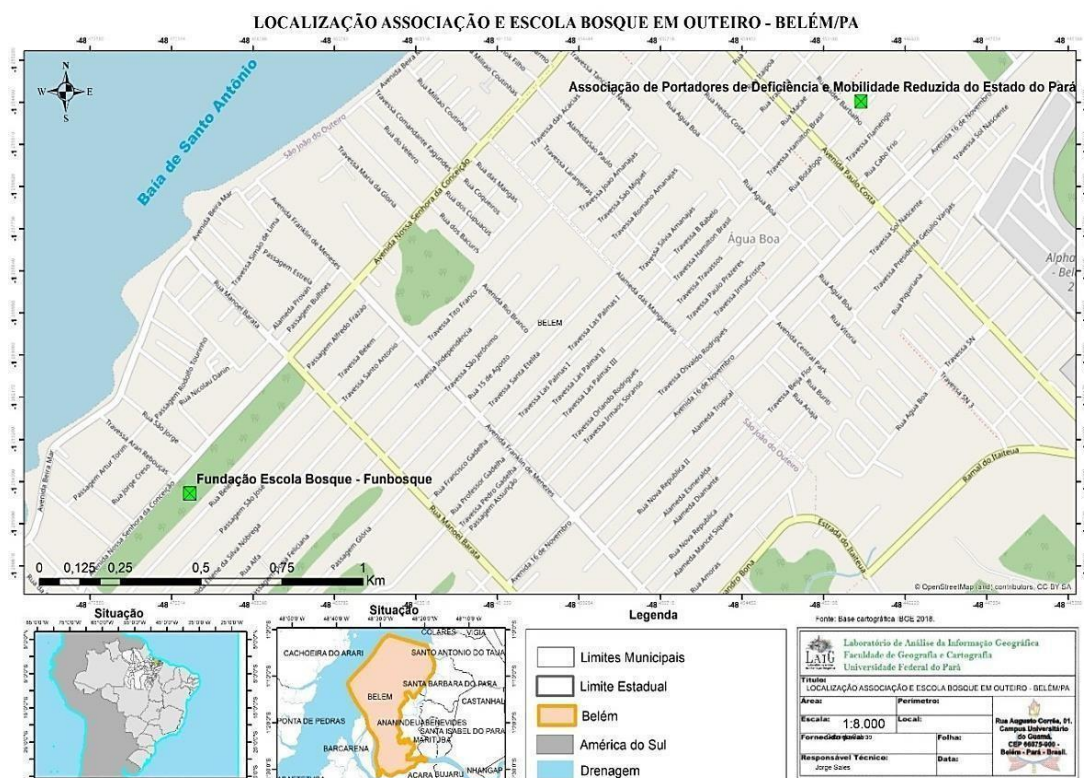
para a sua subsistência e manutenção. Procura-se ainda, demonstrar como as associações podem ser uma excelente alternativa para desenvolvimento local, por meio da capacitação profissional dos parentes de pessoas com deficiência, reintegração dessas pessoas ao mercado de trabalho, da reprodução dos “quintais produtivos” na ilha, pela educação inclusiva, por meio de suporte a crianças portadoras de deficiência na biblioteca comunitária.

2 METODOLOGIA DA PESQUISA

2.1 Localização da Área de Estudo

A Associação Benéfica das pessoas portadoras de deficiência e mobilidade reduzida do estado do Pará está localizada atualmente na Travessa Botafogo nº 2616, Bairro Água Boa, na Ilha de Caratateua, município de Belém- Pará, e a instituição parceira a Escola Bosque professor Eidorfe Moreira está localizada Av. Nossa Sra. da Conceição - São João do Outeiro (Outeiro), Belém- Pará.

Figura 1: Localização da Área de Estudo.



Fonte: IBGE, 2016. Elaboração: Sales (2021).

2.2 Materiais e Métodos

Inicialmente foi realizado um levantamento bibliográfico- artigos, dissertações e teses- a fim de levantar referencial teórico sobre as seguintes temáticas: associativismo (LÜCHMANN, 2014) agricultura urbana, agroecologia (CUNHA, 2017) e educação ambiental

(FERREIRA *et al.* 2016), reciclagem, aproveitamento de resíduos sólidos, educação inclusiva e tratamentos alternativos para reabilitação de pessoas portadoras de deficiência (VASQUEZ, MENDONÇA e NODA, 2014).

A coleta de dados foi obtida por meio de entrevistas e material documental fornecido pelos presidentes de duas associações, uma em fase de legalização documental (estatuto e arquivo fotográfico) Associação Beneficente Emaús de pessoas portadoras de deficiência e mobilidade reduzida do estado Pará, e outra oficializada desde 21 de novembro de 2018, Associação Religiosa Itac, Instituto Tóia Afro Cultural Iemanjá no ano de 2021. Este relato de experiência foi possível por meio do acesso aos dados do Projeto de Associação Beneficente Emaús de pessoas portadoras de deficiência e mobilidade reduzida do estado Pará, tendo por presidente W. S. O e da Associação Religiosa Itac tendo informações repassadas pelo presidente P. M. C.

As informações sobre os quintais produtivos foram obtidos junto ao Projeto de Extensão Quintais Ecopoéticos, nos anos de 2018 e 2019, durante vigência do Projeto Residência pedagógica do curso de Geografia da Faculdade de Geografia e Cartografia, em parceria com a Escola Bosque Professor Eidorfe Moreira.

Da coleta de dados foi considerada a oralidade (FRIES, 2013), com o olhar acurado do outro. A análise da Ilha de Caratateua foi realizada com base em três categorias: territorialidade, identidade e memória aspectos importantes (CUNHA, 2017). É necessário um olhar diferenciado à porção insular de Belém, que é marcada pelas territorialidades dessas comunidades e seus patrimônios. Essa área é marcada pela desassistência do estado, com características ribeirinhas, de agricultura familiar e conhecedora da floresta. As ilhas têm várias conotações culturais como locais de veraneio, mas historicamente foram marcadas como refúgios de bandidos (SILVA, 2020).

3 RESULTADOS

3.1 Formação sócio espacial da Ilha de Caratateua

Apesar da beleza cênica da Ilha de Caratateua, observa-se que a atuação do Estado ainda é baixa, o que se reflete no pequeno número de postos de atendimento à saúde, na ausência de hospital público local, carência na oferta de vagas para ensino médio, além de uma infraestrutura de tratamento de água e esgoto precários. Por outro lado, é marcada por um forte ativismo político, modelo de desenvolvimento sustentado em uma economia popular consolidada no extrativismo vegetal e na agroecologia, que preserva uso de saberes das plantas, sendo berço de intensas manifestações culturais.

Esse quadro foi sendo construído com base em um processo histórico, que se divide em quatro, de acordo com Barbosa *et al.* (2012), no pré-contato existiam povos que ocupavam essa área, se observarmos o mapa de Mapa étno-histórico de Curt Nimuendaju (IBGE; 1981) do baixo Tocantins até a foz do Rio Caeté a etnia que dominava eram os Tupinambá. De acordo com Miranda (2015), Hurley (1940), apoiado na crônica de André Tenudo, relata a existência de Aldeias de Parauassú, Guamiaba e Capim onde se localiza a cidade de Belém.

Após a colonização portuguesa, de acordo com consulta às obras clássicas de Eidorfe Moreira (1966; 1989), até o final do século XIX, as ilhas de Belém eram espaços rurais onde se

realizava o extrativismo, atividade que perdura até os dias atuais com a coleta do fruto do açaí, e produção de subsistência, que davam suporte às atividades desenvolvidas na capital, assim a provisão de gêneros e defesa por meio da instalação de fortes.

Durante o período áureo da borracha, a exportação do látex da seringueira Amazônica (*Hevea brasiliensis*) para Europa e Estados Unidos, na metade do século XIX, as ilhas e a Vila do Pinheiro, Distrito de Icoaraci, que apresenta atualmente orla de grande beleza cênica, que concentra restaurantes e bares, sendo importante polo de venda de artesanato e turístico. Nesta época, as faixas de praias das ilhas foram utilizadas como segunda residência, espaço de lazer e descanso da elite, que apresenta ainda hoje construções históricas, como o Chalé Tavares Cardoso que abriga a Biblioteca Pública Municipal de Icoaraci e a igreja de São Sebastião.

A necessidade de produção agrícola e colonização ao longo da Estrada de Ferro Belém–Bragança, ao qual seriam assentados famílias de estrangeiros, espanhóis e portugueses, onde receberam terras, ferramentas e insumos (PENTEADO, 1968). Assim, em 1893, na Ilha de Caratateua, foi criada a colônia de Outeiro ou núcleo de colonização (SILVA *et al.* 2012), que na verdade funcionava como uma hospedaria de migrantes que vinham trabalhar nos projetos de colonização, sendo uma forma de organização e controle do governo sobre os mesmos, e uma forma de higienizá-los de doenças (cólera e peste bubônica) (CRUZ, 1955) antes se dirigirem a seus polos. Posteriormente, tornou-se necessário a criação de pequenos lotes agrícolas nas proximidades da hospedaria de Outeiro, onde se passou a realizar a agricultura familiar.

Segundo o autor, a Ilha de Caratateua também viveu uma fase de abandono que perdura até a década de 80, cujo marco é a construção da ponte que liga o continente a parte insular, ponte Governador Enéas Martins com 380 metros de extensão, que traz uma nova funcionalidade para ilha, importante a área de lazer da população de baixa renda, no período anterior a essa década era necessário o uso de balsa e embarcações para finalmente chegar a ilha.

E por fim, o momento atual, fase de integração à dinâmica metropolitana. Esta fase é marcada pela instalação de BRT, ligação por meio de pista central livre para ônibus, com estações de embarque e desembarque ao longo do percurso, de um bairro denominado como São Brás a Icoaraci, portanto, não atende em sua plenitude as necessidades da ilha, associado à expansão de novos empreendimentos incluindo condomínio fechado o Alfa Ville.

Entender esse último período mais profundamente requer discutir o papel das associações de bairros e o nascimento das mesmas, desde a etapa de discussões, sua interação com a comunidade e com instituições de ensino como a Escola Bosque Professor Eidorfe Moreira.

3.2 Formação das Associações de Bairros na Ilha de Caratateua

Em linhas gerais, as associações são entidades sem fins lucrativos, correspondem a instituições de natureza jurídica que tem um objetivo de propor uma mudança social, sendo suas arrecadações destinadas exclusivamente ao patrimônio da instituição, não prezando pela acumulação de capital, nem exploração de mais-valia.

Luchmann (2014) apresenta três perspectivas analíticas que revelam, determinadas características democráticas das associações: capital social, movimentos sociais e sociedade

civil. Existem potencialidades em promover a reprodução, a integração ou a transformação social; suas capacidades de alavancar o desenvolvimento econômico; o fomento de estruturas de pertencimento e de identidade cultural, constituem meios alternativos para dar voz aos desfavorecidos em função das condições desiguais de distribuição de dinheiro e poder.

Neste estudo de caso, selecionamos a Associação Beneficente Emaús das pessoas portadoras de deficiência e mobilidade reduzida do Estado do Pará, que está localizada no Bairro Água Boa, na Ilha de Caratateua, município de Belém- Pará.

A Associação de pessoas portadoras de deficiência e mobilidade reduzida do Estado do Pará foi pensada a partir de uma inspiração pessoal do presidente W. S. O. 46 anos, tetraplégico, desde o ano 1996, condição adquirida em função de um acidente doméstico, aos 21 anos de idade, que se conscientizou sobre três fases na vida de portador de necessidade especial: 1ª Manifestação da doença; 2ª tratamento e reabilitação e 3ª inserção no mercado de trabalho do doente ou dos familiares.

Em 2020, iniciaram reuniões mensais na Ilha de Caratateua com objetivo de levantar um número de possíveis associados, mas segundo o presidente da Associação, desde 2018 essa mobilização tem sido realizada entre: “cadeirantes”, “amputados” e “pessoas com limitações psíquicas”, a fim de se cadastrarem e iniciar os trâmites legais para oficialização de uma Associação.

Em um primeiro levantamento constatou-se um número de 50 pré-associados somente na Ilha de Caratateua. Dentre as motivações para criação de uma associação para pessoas portadoras de deficiência e mobilidade reduzida estão: a) a necessidade de deslocamento para capital Belém, e até mesmo outros estados da Federação com finalidade de acesso a tratamento especializado público; b) o baixo nível socioeconômico das famílias que limita a compra de equipamentos adequados às especificidades de cada doente como cadeira de rodas e próteses, por exemplo; c) desvalorização a vida em função da ausência de políticas públicas que prevejam a reintegração dos mesmos ao mercado de trabalho; e d) dificuldades para acessar os direitos dos especiais como aposentadorias, benefícios e assistência jurídica.

Dentre os objetivos da associação esta atender pessoas portadoras de deficiência na região das ilhas do Estado do Pará, como as ilhas de Caratateua, Cotijuba, Mosqueiro e outras que, desassistidas de atendimento especializado, enfrentam dificuldades no acesso a profissionais capacitados como psicólogos, terapeutas, psiquiatras, pedagogos, assistente social, advogados e outros serviços essenciais. O presidente inspirou-se no método SARAH, na época que sofreu o acidente que lhe deixou tetraplégico teve que se deslocar ao estado do Maranhão em busca de tratamento adequado. O método SARAH de neuroreabilitação com resultados científicos comprovados incorpora a família e o contexto de cada pessoa, no processo de neurodesenvolvimento, tendo como princípio a valorização do que existe e não do que foi perdido.

Em nível de informação, a Associação Beneficente Emaús para pessoas portadoras de deficiência e mobilidade reduzida encontra-se na fase de legalização documental e revisão do estatuto, para alinhar-se à legislação federal, estadual e municipal. Sobre a gênese da dessa Associação, afirmou o presidente da mesma:

Meu nome é W. S. O., tenho 46 anos, sou estudante do terceiro ano do curso técnico em turismo e meio ambiente da Escola Bosque Professor Eidorfe Moreira certa dia

tive uma curiosidade de visitar vários bairros de Outeiro Fama, Itaiteua, Fidelis, Brasília de rua em rua, procurando pessoas com deficiência, achei muitas mentais, visuais, amputados, tetraplégicos (como eu), tem casa com três deficientes na família e nenhum integrante com emprego formal. Entendi que uma associação seria importante para dar suporte a essas pessoas através da distribuição de muletas, cesta básica, remédios e cadeira de rodas. Observo a necessidade também dela (da associação) em Cotijuba e Mosqueiro (Entrevista com o presidente da Associação Beneficente Emaús de pessoas portadoras de deficiência e mobilidade reduzida no Estado do Pará W. S. O em 10-03-2021).

Das principais instituições parceiras, indicadas pelo presidente da Associação, está a Escola Bosque Professor Eitorfe Moreira, localizada na Ilha de Caratateua, sendo uma referência em Educação Ambiental na América Latina, no qual sua gênese esteve ligada ao ativismo social na ilha. O quadro abaixo apresenta os principais objetivos da Associação e seu entrelaçamento com instituições de ensino, pesquisa e extensão, especialmente na instrumentalização dos chamados “quintais produtivos” (Quadro 1). Dentre as metas da associação, na opinião do presidente, a maioria podem ser alcançadas por meio de parcerias com a Escola Bosque Professor Eitorfe Moreira.

Quadro 1: Principais objetivos da Associação Beneficente Emaús para pessoas portadoras de deficiência e mobilidade reduzida do Estado do Pará.

Metas da Associação Beneficente Emaús para pessoas portadoras de deficiência e mobilidade reduzida do Estado do Pará:	Resultados esperados	Instituição Parceira
1. Implantar hortas comunitárias na área da sede da Associação e replicá-las nos quintais dos associados.	Capacitação de associados e reprodução nas unidades familiares de pessoas com deficiência visando autonomia financeira das famílias. Das espécies cultivadas estão alface (<i>Lactuca sativa</i>) coentro (<i>Coriandrum sativum</i>), chicória (<i>Cichorium intybus</i>), cebolinha (<i>Coriandrum sativum</i>), pimentinha de cheiro (<i>Capsicum chinense</i>), jamba (<i>Acmella oleracea</i>) além da produção de adubo orgânico e instalação de minhocário.	Funbosque
2. Cultivar as principais espécies usadas como plantas medicinais na Amazônia para tratamentos alternativos de doenças como diabetes e adoecimento psíquico;	Capacitação de associados e reprodução nas unidades familiares de pessoas com deficiência visando autonomia financeira das famílias e viabilizar uma farmácia viva na ilha.	Funbosque
3. Instalar área para apicultura (criação de abelhas sem ferrão)	Capacitação de associados e reprodução nas unidades familiares de pessoas com deficiência e comercialização de mel para geração de renda.	Funbosque
4. Elaborar trilhas e passeios com fins terapêuticos e lazer para pessoas com deficiência física e com mobilidade reduzida.	Capacitação de associados para auxiliar nos tratamentos terapêuticos e no lazer dos associados.	Funbosque
5. Ministras oficinas de reaproveitamento de resíduos sólidos e reciclagem.	Capacitação profissional dos associados para captação de recursos para a associação. A partir da reciclagem com garrafas pets pretende-se confeccionar vassouras ecológicas e outros objetos pufs.	Funbosque
6. Instalar um tanque para atividade de piscicultura na asso	Capacitação de associados e venda de peixes para arrecadação de verbas para associação. Das espécies comerciais estão Tambaqui (<i>Colossoma macropomum</i>); Pacu (<i>Piaractus mesopotamicus</i>); Aracu (<i>Laemolyta varia</i>) e Tilapia (<i>Tilapia rendalli</i>).	Funbosque

7. Construir um espaço cultural como uma biblioteca comunitária	Espaço de leitura focado na literatura amazônica (negros, índios e caboclo), e latino-americana. Contação de história fortalecendo a oralidade sendo importante resgate da memória coletiva. Pesquisa e reforço escolar para as crianças portadoras de deficiência. Além das oficinas de brinquedos (usando matérias primas naturais), poesia entre outras.	Funbosque
8. Fabricar e consertar cadeiras de rodas e outros acessórios	Construção de uma oficina para fabricação e conserto, reformas de cadeiras de rodas na ilha.	Funbosque Outras instituições
9. Capacitação profissional de pessoas portadoras de deficiência e seus familiares	Reintegrar pessoas portadoras de deficiência ao mercado de trabalho, serão prioritários cursos na área de saúde.	Outras instituições

Fonte: Elaborado com base no Estatuto da Associação Beneficente Emaús para pessoas portadoras de deficiência e mobilidade reduzida do Estado do Pará e na entrevista ao presidente da Associação W.S.O.

3.3 Modelo de implantação dos “Quintais produtivos”

Dentre os principais objetivos da Associação Beneficente Emaús de pessoas portadoras de deficiência e mobilidade reduzida está a implantação e reprodução dos quintais produtivos. Mendonça, Levy e Firmino³ (2018) denominam-se quintais produtivos no âmbito da agroecologia aquelas experiências, urbanas e não urbanas, relacionadas à produção de alimentos do dia-a-dia nas áreas aos arredores da casa. Na Ilha de Caratateua, os quintais produtivos, sustentáveis ou “Ecopoéticos”, essa última nomenclatura concebida no projeto coordenado pelo professor “Alickson Sergio Lopes de Souza”, atual presidente da “Funbosque”, são espaços de difusão de conhecimento por meio da agricultura urbana e agroecologia, soberania alimentar, capacitação profissional e valorização dos saberes tradicionais (Figura 2).

A valorização da agroecologia e sustentabilidade socioeconômica da Ilha de Caratateua são observadas nas formas de resistências das famílias que sobrevivem a partir da produção de seus quintais e sítios. Esses quintais aproveitam as potencialidades dos ambientes onde estão localizados. No sítio Marés (modelo de sítio com contato com os rios, terra firme - Várzea), localizado no Bairro de Itaiteua, o extrativismo vegetal é a principal fonte de subsistência, refletindo a realidade socioeconômica da região das ilhas, coleta e a comercialização das frutas e própria pesca artesanal (Figura 2).

No quintal localizado no bairro do Fidelis (modelo típico de terra firme) verificou-se uma unidade produtiva mais completa sendo possível observar as seguintes atividades: a) Criação de galinha caipira para consumo de carne e ovos, b) produção de hortaliças, c) Produção de mudas de plantas medicinais e plantas ornamentais, e d) criação de abelhas sem ferrão para comercialização do mel, que para a Associação constitui-se um excelente modelo a ser aplicado, uma vez que se localiza em terra firme. A única inclusão proposta refere-se à instalação de tanques para criação de peixes, porém, com ajustes de criação em caixas d’água (Figura 2).

³ MENDONÇA, M. A. F. C.; LEVY, R.; FIRMINO, F. Os quintais produtivos urbanos e periurbanos em Três Corações, MG. Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 – Anais do VI CLAA, X CBA e V SEMDF – Vol. 13, Nº 1, Jul. 2018. Brasília- DF

Figura 2: Registro das duas edições do projeto de extensão Quintais Ecopoéticos: (a) Socialização da literatura de cordel sobre Caratateua (b) valorização de musicalidade amazônica; (c) Oficina de doces; (d) Construção de hortas; (e) Palestra sobre papel moeda chamado de Moqueio; (f) Criação de abelhas sem ferrão; (g) Comercialização de mudas de hortaliças e plantas medicinais e (h) produção de ovos caipiras.



Fonte: Atividade extensionista Escola Bosque Professor Eidorfe Moreira (2018 e 2019) com discentes do Projeto Residência Pedagógica de Geografia, discentes do curso técnico em Turismo e Meio Ambiente – Universidade Federal do Pará e a comunidade.

Na mesma linha, com a implantação de hortas busca-se iniciar plantio com principais espécies usadas como plantas medicinais na Amazônia (SANTOS, 2000), como formas alternativas de tratamento para doenças como diabetes e adoecimento psíquico. Empiricamente, observa-se que grande parte das amputações estão relacionadas ao agravamento dos casos de diabetes, assim como também, as doenças psíquicas estão associadas a insônia e ansiedade, assim, é prioritário a seleção de espécies como: erva cidreira (*Melissa officinalis*), boldo (*Peumus boldus*), erva doce (*Pimpinella anisum*), alecrim, (*Salvia rosmarinus*) capim –santo (*Cymbopogon citratus*), hortelã (*Mentha*), canarana (*Hymenachne amplexicaulis*) e Camonila (*Matricaria chamomilla*), formas alternativas para tratamentos fitoterapêuticos. Historicamente, muito se sabe sobre o poder de cura por meio de plantas medicinais, que são usadas tanto para curas físicas como curas espirituais, como a que é realizada na pajelança e xamanismo (SOUSA, 1999).

Esses grupos (índios, caboclos, ribeirinhos, seringueiros, quilombolas, pescadores, pequenos produtores rurais e extrativistas) são detentores de um vasto conhecimento sobre as plantas e seu ambiente. Estes conhecimentos têm passado de geração em geração por via oral, estando intimamente interligados com a necessidade dos povos em aplicá-los em seu proveito, muitas vezes para garantir a sobrevivência humana. (VÁSQUEZ, MENDONÇA e NODA, 2014; p. 458).

Outra área de atuação da associação em parceria com Escola Bosque professor Eidorfe Moreira é o ecoturismo e a valorização do Patrimônio Natural na região das ilhas. Propõem-se auxiliar na elaboração de roteiros para pessoas portadoras de deficiência, fortalecendo a relação do homem com a natureza, criando trilhas alternativas para terapia, lazer, e valorização

dos usos e saberes locais. Infelizmente, quando um indivíduo sofre uma fatalidade e tem sua mobilidade afetada, ocorre um “isolamento”, as relações sociais e laços de amizades são limitadas, afetando diretamente sua autoestima. De acordo com o presidente da Associação W. O. S a Escola Bosque Professor Eidorfe Moreira tem um papel fundamental na construção do projeto das associações em Caratateua:

A Escola Bosque Professor Eidorfe Moreira pode ser a principal colaboradora por meio dos seus inúmeros projetos: Horta, Ecomuseu, projeto AMA, quintais eco-poéticos. Oficinas de artesanato e trilhas podem ser ofertadas para integração dos associados pelo Ecomuseu. O projeto AMA poderá nos ajudar na reprodução de mudas e na instalação de hortas comunitárias. Além de atividades de lazer, pelo menos duas vezes na semana, a quadra da escola pode ser cedida para prática de esporte das pessoas portadoras de deficiência, por fim, poderá nos ajudar na construção de uma oficina para conserto, fabricação de cadeiras de rodas (Entrevista com o presidente da Associação Beneficente Emaús de pessoas portadoras de deficiência e mobilidade reduzida no estado do Pará W. S. O em 10-03-2021).

Atualmente, as pessoas portadoras de deficiência e mobilidade reduzida são excluídas das trilhas e passeios ecoturísticos. Assim, projeta-se daqui a quatro anos em Caratateua que os deficientes visuais, cadeirantes e outras limitações possam participar dentro da própria Escola Bosque professor Eidorfe Moreira, ou em pontos turísticos na ilha, de roteiros adaptados às suas limitações. Para tanto, deve-se propor adequação de equipamentos às trilhas, e pensar nas chamadas *trilhas Inclusivas*, com cadeiras portáteis, cadeiras de rodas flutuantes, semelhante ao que é desenvolvido no Estado de São Paulo, Porto Alegre e Chile⁴ (Figura 3).

As trilhas sensoriais fazem com que o indivíduo passe por sensações, pois sem o auxílio da visão, eles precisam encontrar uma maneira de conectar-se a essas paisagens e a natureza, para isso podem ser usados igarapés, ambientes e plantas da Amazônia. A escola bosque abriga uma porção representativa de mata de terra firme, onde os participantes podem ser capazes de conhecer espécies de fauna e flora e ouvir sons de pássaros ou até mesmo tocar em alguns animais. No entorno da Escola Bosque estes visitantes poderão ter contato com praias, formações rochosas e igarapés.

Nesta pesquisa, por meio desse relato de experiência, foi possível observar que tanto na Associação Beneficente Emaús de pessoas portadoras de deficiência e mobilidade reduzida do estado do Pará, quanto na Associação Religiosa Itac, Instituto Tóia Afro Cultural Iemanjá, ambas com sedes na Ilha de Caratateua, os presidentes são alunos do Ensino Médio da Escola Bosque Professor Eidorfe Moreira. Assim, o ativismo político desses presidentes parece estar mais associado à “perspectiva político pedagógica da instituição” de formar agentes ativos na sociedade, do que a influência político-partidária. A atuação das Associações ocorre em várias esferas: religião, direitos humanos, agroecologia e reflorestamento, sendo preciso retornar a reflexão que iniciou esse artigo: Pós- Pandemia, como será o mundo depois da crise?

Na Ilha de Caratateua, as pessoas tenderão a se reunir em torno de entidades não governamentais, com missões diversas, mais com tendência a exercitar a democracia, solidariedade, direitos humanos, valorização dos saberes tradicionais e o compromisso com educação inclusiva que planeje espaços mais acessíveis (Figura 3). As instituições de ensino

⁴ <https://www.deficienteciente.com.br/cadeiras-de-rodas-flutuantes-estao-tornando-as-praias-e-o-mar-bem-mais-acessiveis.html>

tendem a propor ações extensionistas, práticas de transformação da realidade contraditória que se apresenta em seu entorno, ao invés de se isolarem em seus muros.

Figura 1: (a) e (b) Modelo de trilhas inclusivas proposto pela Associação voltadas às pessoas portadoras de deficiência com base em modelos desenvolvidos no Brasil e América Latina; (c) Exemplo de Economia popular e solidária na Ilha de Caratateua; (d) Ação da Associação Itac e Instituto Tóia de distribuição de alimentos e brinquedos a crianças carentes; (e) Ação de replantio em áreas de oferendas; (f) Ação da Associação Itac e Instituto Tóia em apoio a cães abandonados.



Fonte: (a) e (b) <https://www.deficienteiciente.com.br>; (c) arquivo pessoal (2021); (d); (e) e (f) arquivos cedidos Associação ITAC, e Instituto Tóia.

4 CONCLUSÃO

A Associação Beneficente Emáus dos portadores de deficiência e Mobilidade Reduzida do Estado do Pará com sede na Ilha de Caratateua pretende reproduzir nas casas dos associado modelos de quintais já mapeados na ilha pela Escola Bosque Professor Eidorfe Moreira, propiciando a permanência dos associados na ilha e da reprodução de modelos agroecológicos de subsistência comprometidos com a segurança alimentar.

Ideologicamente, os quintais produtivos estão fundamentados na agroecologia, autonomia econômica das famílias, desenvolvimento local, segurança alimentar, além da valorização de saberes e do “sagrado” na ilha.

O ecoturismo constitui-se, também, em uma forma de valorização do “patrimônio” no sentido polissêmico, e da valorização do ser humano por meio da educação inclusiva e de atividades que prezem pela acessibilidade e o bem-viver. Quanto ao ativismo político identificado nas associações sediadas na ilha, o mesmo se apresentou vinculado direta ou indiretamente a formação político-pedagógica peculiar a Escola Bosque Professor Eidorfe

Moreira.

5 REFERÊNCIAS

ARAÚJO, G. C. C. de, OLIVEIRA, R.F. de O. **Por um olhar geográfico dos impactos causados pela pandemia da Covid-19.**

BERTOLLO, M. **O circuito espacial produtivo da vacina e os alcances globais e nacionais da produção, distribuição e imunização: o caso da pandemia Influenza A H1N1.** Geografia em questão. Volume 07; n.1. 2014. p.140-156

CAPORAL, Francisco Roberto. **Em defesa de um Plano Nacional de Transição Agroecológica: compromisso com os atuais e nosso legado para as gerações futuras.** v. 1. Brasília: MDA/SAF, 2009.

CRUZ, E. **A estrada de ferro de Bragança: visão social, econômica e política.** Belém: SPVEA, 1955.

FERREIRA, A.G.; DURÁN, C. E. A.; SOUZA, D.F. de; SANTOS, F.J. C. dos S.; WITT, J.R. **Agroecologia e educação ambiental.** In: Desenvolvimento, agricultura e sustentabilidade / organizadores Fábio Dal Soglio e Rumi Regina Kubo; coordenado pela SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016. 206 p.

HURLEY, Jorge. **Belém do Pará: sob o domínio português (1616 a 1823).** Belém: Oficinas Gráficas da Livraria Clássica, 1940.

LÜCHMANN, L. H. H. Abordagens teóricas sobre o associativismo e seus efeitos democráticos. **Revista Brasileira de Ciências Sociais.** Vol. 29 nº 85. 2014. 159-226p.

MIRANDA, L. M.. Cidades, águas e ilhas no estuário amazônico. **Labor & Engenho**, Campinas [SP] Brasil, v.9, n.2, p.81-92, 2015.

MOREIRA, Eidorfe. **Belém e sua expressão geográfica.** Belém: Imprensa Universitária, 1966.

MOREIRA, Eidorfe. Belém e sua expressão geográfica. In: MOREIRA, Eidorfe. **Obras reunidas de Eidorfe Moreira.** v. 1, Belém: Conselho Estadual de Cultura; Belém: CEJUP, 1989. p. 273-449.

PENTEADO, A.R. **Belém do Pará: estudo de Geografia Urbana.** Belém: UFPA, 1968.

SANTOS, F.S.D dos. **Tradições populares de uso de Plantas medicinais na Amazônia.** História, Ciências e Saúde- Manguinhos Volume VI. Suplemento) 919-939. Setembro 2000.

SANTOS, M. R.S. **Entre o rio e a rua: cartografia de saberes artístico-culturais emergentes das práticas educativas na Ilha de Caratateua,** Belém do Pará 2007. Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Pará, 2007.167p.

SILVA, S. B. e. **Belém e o ambiente Insular.** Belém: Universidade Federal Rural da Amazônia, 2010, p.165p.

SILVA, J. M. P. da, SILVA, C. N. da, CHAGAS, C. A. N., BARBOSA, E. J. da S (ORG). **Percursos Geográficos: pesquisa e extensão no Distrito de Outeiro, Belém-Pará (2008-2011).** 1. ed. - Belém: GAPTA/UFPA, 2012. 204 p.

SCIFONI, Simone OS DIFERENTES SIGNIFICADOS DO PATRIMÔNIO NATURAL Diálogos - **Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História**, vol. 10, núm. 3, 2006, pp. 55-78

SPOSITO, M. E. B.; GUIMARÃES, R. B. **Por que a circulação de pessoas tem peso na difusão da pandemia: difusão da Covid-19 no país segue modelo relacionado a interações espaciais na rede urbana.** In: Unesp Notícia. Disponível em: <https://www2.unesp.br/portal#!/noticia/35626/por-que-a-circulacao-de-pessoas-tem-peso-na-difusao-da-pandemia>. Acesso em: maio 18.03.2020.

SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM RURAL. PISCICULTURA: **construção instalação e manutenção de tanques redes.** / Serviço Nacional de Aprendizagem Rural. – Brasília: Senar, 2018. 60 p.

SOUZA, M. B. de; Guske, A. C. Agricultura Urbana: um Olhar a partir da Agroecologia e da Agricultura Orgânica.

COLÓQUIO – **Revista do Desenvolvimento Regional** - Faccat - Taquara/RS - v. 14, n. 1, jan./jun. 2017.

SOUZA, P. A. de. **O Xamanismo e o poder de cura pelas plantas medicinais (Estudo Químico de Baccharispseudotenuifolia)**. FLORIANÓPOLIS, RELATÓRIO PROBATÓRIO: CONCLUSÃO DE CURSO. DEPARTAMENTO DE QUÍMICA. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. 1999.43p.

VÁSQUEZ, S. P. F.; MENDONÇA, M. S. de; NODA, S. do N. Etnobotânica de plantas medicinais em comunidades ribeirinhas do Município de Manacapuru, Amazonas, Brasil. **ACTA AMAZONICA**. VOL. 44(4) 2014: 457 - 472

VENTURIERI, G. C. **Criação de abelhas indígenas sem ferrão** - 2. ed. rev. atual. - Belém, PA: Embrapa Amazônia Oriental, 2008. 60 p.